



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 36-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: *Talhada-Lisboa* • Telefone 5339 O.  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## ESTRATAGEMAS

Mais uma vez o órgão dos industriais do jornalismo vem de fazer ao... coração dos tipógrafos um greve, pelos quais, nesta sua nova fase, mostra rara consideração, esquecendo-se de que ainda há bem pouco os considerava, dentro dos jornais, elementos assás daninhos. Trata-se duma variante que denota da parte das empresas uma firmeza de opiniões muito singular...

Percebemos muito bem o jogo das empresas. Elas, a quem a longa duração do movimento evidentemente não agrada — como aliás não agrada à parte contrária — pretendendo arranjar uma saída, que honrosamente podiam ter encontrado há bastante tempo, persuadem-se de que exprimindo-se pela forma por que ontem o fazia o seu órgão em rotação aos tipógrafos, levarão estes, ou pelo menos uma parte, a rasgar o compromisso de honra firmado, por sua indicação, pelos respectivos organismos associativos, comprometendo livremente ratificado em todas as assembleias.

Tentamos empresas, com as suas doces falas, conseguir que os camaradas tipógrafos se apresentem, pois, ao trabalho, e ainda havemos de vê-los oferecer-lhes condições mais vantajosas do que aquelas em que trabalhavam à data da proclamação da greve, estratégia com que pretendendo fazer romper o pacto estabelecido entre as três classes, por intermédio da Federação do Livro e do Jornal.

Não se nos afigura fácil que as empresas logrem ver coroado de êxito o seu plano estratégico, e muito menos nos parece que os camaradas tipógrafos se deixem comover com aquela fementida passagem do artigo de *O Jornal* em que se diz que as empresas dia a dia se foram sacrificando no nobre intuito de não os prejudicar, uma vez que para acreditar isto seria mister que os grevistas, todos os grevistas, não subessem que as empresas mantêm os seus jornais por interesse mercantilista ou por interesse partidário — em qualquer dos casos interesse próprio — e de modo algum por compaixão pelos seus assalariados, hipótese esta que o próprio articulista das empresas é seguramente o primeiro a não tomar a sério, a não se verificar o facto de ser excessivamente parvo.

E quando dizemos que não cremos que os nossos camaradas ti-

pógrafos se deixem enlevar pelo estratagemas dos industriais do jornalismo é porque os sabemos suficientemente dignos não só para renegarem o seu passado honroso nas lutas operárias, o que quer dizer que os não supomos capazes de atraírem os seus actuais companheiros de luta, mas também porque lhes atribuímos a perspicácia necessária a não cederem, por virtude dum acto de fraqueza, para que a sua organização de trabalho, que conquistaram à custa de reiteradas lutas, fosse anulada por suas próprias mãos, e esse caso verificar-se-ia indubitavelmente se, deixando-se seduzir pelas subtilidades das empresas, retomassem sozinhos o trabalho, abandonando a uma luta desigual os restantes trabalhadores dos jornais.

E' que eles têm a sagacidade necessária para compreender que, esmagados aqueles pelas empresas que, com o nobre intuito de não prejudicar os tipógrafos, e só por isso, publicam os jornais, teriam os seus ogeiros protectores o cuidado de voltar-se em seguida contra os homens honrados pelo trabalho de muitos anos, aos quais mais à vontade dariam a ambicionada marretada.

Não. Decididamente os homens a quem as empresas, agora com tam meigas palavras, pretendem seduzir, não se deixarão cair nos seus braços, possuindo, ao contrário do que afirmam as mesmas empresas, a coragem moral necessária para saberem conduzir-se como criaturas que sabem o que devem a si próprias. Elas têm pensado nas consequências da sua atitude o tem pensado igualmente que se a modificassem no sentido de favorecer os propósitos dos seus adversários ver-se-iam em breve em crítica situação, que aliás seria bem merecida.

E por que assim pensam os tipógrafos, estamos firmemente convencidos de que eles continuarão, como até agora, a comportar-se como homens de uma só cara, desprezando com a altivez própria dos homens de carácter as pérfidas sugestões dos *meuners* das empresas jornalísticas, embora para manterem tam elevada atitude hajam que continuar a realizar os maiores sacrificios, como sucedeu aliás com os restantes grevistas, proletários como eles.

Alexandre VIEIRA.

## 2.º aniversário de "A Batalha"

Independente das saudações que pessoalmente nos têm sido testemunhadas, continuamos a afluír a esta redacção cartas e telegramas dos amigos de *A Batalha*, manifestações de apreço que altamente nos sensibilizam. Agradecemos a *A Batalha* a continuação a contar a seu lado um numeroso grupo de amigos, o que significa que a obra a que lançamos ombros, há dois anos, não tem sido inútil.

Não nos permite a tirania da falta de espaço reproduzir hoje, ao sequeir fazer a merecida referência, a todas as manifestações de estima de que *A Batalha* tem sido alvo, o que diligenciaremos realizar nos números subsequentes.

### Outras saudações

A direcção da Associação dos Encaixadores, reatada no dia do aniversário de *A Batalha*, aprovou uma calorosa saudação a este jornal.

A Federação da Indústria de Calçado, Curos e Peles, na sua última reunião, votou uma saudação a *A Batalha*, tendo vindo ontem a esta redacção um membro daquele organismo transmitir-nos essa resolução.

Da Associação dos Inscritos Marítimos Portugueses recebemos um officio, saudando-nos «pela forma altiva como se tem defendido todos os explorados pelo capitalista ladrão».

Na sua última reunião, o Núcleo das Juventudes Sindicalistas da Indústria de Calçado, Curos e Peles aprovou um voto de saudação ao nosso jornal.

### Cartas e telegramas

Meu caro Vieira — Em ti saúdo a nossa querida *Batalha* pelo seu 2.º aniversário. Imponente a obra que esse farol continua a fazer, a lutar o camião que os trabalhadores devem seguir, a fazerem emancipar-se da sua escravidão económica, moral e política. Felicito também todos os que tem estado à frente desse paladão da Liberdade. J. Afonso Monteiro.

Recebemos mais os seguintes:

Meu caro Vieira — Ao passar mais um ano de existência da nossa querida *Batalha*, eu, em nome da Associação da Classe dos Encaixadores de Mar e Terra da

## CARVÃO NÃO NOS FALTA MAS...

### Tudo dorme

Sobre riquezas inexploradas  
"Isto" é um país perdido

Que Portugal é um país perdido, toda a gente o diz. «Isto é um país perdido», ouve-se nos cafés, nos teatros, no parlamento e em plena rua. «Isto é um país perdido», lê-se nos jornais, nos livros e nas revistas. «E' uma nação posta à margem», exclamam os ministros e os moços de fretes.

Todos se convencem de que realmente isto não tem salvação possível. Mas porque não há de salvar-se? Porque a terra é estéril? O clima é mau? Não, pelo contrário; também vem nos livros, nos jornais e nas revistas, que o nosso horizonte se mantém invariavelmente azul; também dizem os ministros e os moços de fretes, que não há clima superior ao lusitano; e os próprios agricultores, agrónomos e engenheiros, cantam todos a fertilidade da terra, onde tudo se dá, onde os frutos tropicais amadurecem e a vegetação dos países frios meira com pujança. Temos tudo, ou melhor, probabilidades de ter tudo: o trigo e o arroz, a batata e o nabo, a laranja e a maçã, a bolota e o amêijo. Nas nossas costas o peixe é abundante e do mais saboroso: tudo por aqui passa, desde a sardinha ao bacalhau.

Então porque motivo se põem afilivamente as mãos na cabeça e se grita a plenos pulmões que isto é um país perdido? Então porque razão não se exploram as riquezas naturais e se perde o tempo a discutir propostas de finanças, que querem dizer impostos sobre o povo, ou significam arrancar, tirar dinheiro de um saco sem fundo?

— Ah meu amigo — disse-nos há dias um sujeito velhote, conselheiro noutros tempos, com voz pausada e grave — você ignora que Portugal não produz um único bago de carvão; você desconhece que o carvão nos custa os olhos da cara e produz um desequilíbrio financeiro simplesmente formidável? Simplesmente formidável — acrescentou ele.

Passou-se a nossa conversa com o conselheiro — não queremos revelar o seu nome — com o conselheiro Acacio, chamemos-lhe Acacio, de manhã, depois de almoço.

### Os afloramentos de carvão encontram-se de norte a sul

Impressionaram-nos bastante as palavras do conselheiro. Andámos seriamente preocupados. «O carvão custa-nos os olhos da cara, o carvão produz o desequilíbrio financeiro».

Até tarde encontramos o sr. Artur Gonçalves, e lá foi a conversa recar sobre o nosso estado financeiro. «Isto é um país perdido. Isto já não tem salvação possível».

Fomos dando largas ao nosso pessimismo. Na nossa opinião isto nunca mais se endireitava, não tinha cura. Tudo sobre assustadoramente; não se pode viver numa terra como esta; isto é uma nação lançada à margem; não tardará muito que não venha por si uma intervenção estrangeira; não temos nada; nada; isto é uma franciscana pobre; «o carvão custa-nos os olhos da cara»; não possuímos um bago de carvão para aquecer o jantar, nem meia dúzia de toneladas de hulha para mover um motor. Isto é um país perdido...

O sr. Artur Gonçalves interrompeu-nos, senão ainda estaríamos desafiando novas queixas, lamentando a falta de carvão.

— Você está enganado — disse-nos o sr. Artur Gonçalves, com o sorriso mais optimista que conhecemos.

Protestámos, não podíamos estar enganados de forma alguma; o conselheiro dissera que o carvão nos custa os olhos da cara e não podíamos estar enganados.

— Está enganado, — continuou ele — e já lhe vou dizer porque. De facto o carvão custa-nos os olhos da cara, mas é simplesmente porque assim o desejamos. Em Portugal há grande quantidade de carvão.

— Grande quantidade de carvão? Então temos tudo, tudo! — exclamámos. — Porque diabo somos, no fim de contas, tão pobres?

— Pois convença-se amigo, há para aí carvão que nunca se acaba. Olhe, ouça bem: começando do sul para o norte, temos muito carvão naquela região de Santa Suzana, perto de Alcaide do Sal; logo mais acima em Azeitão e Serra da Arrabida, existem afloramentos importantes. Esta região é tam extensa e tam rica de minerais que ainda em Vendas Novas se encontra hulha. Veja você a riqueza que para ali está abandonada!

— Mas está aí a nossa salvação; isto não é afinal o país perdido... — interrompemos.

— Escute, escute — acrescentou Artur Gonçalves. — Não deite foguetes antes de tempo; escute até ao fim.

— As manifestações carboníferas desaparecem junto ao Tejo, para reaparecer mais acima, afélas alturas de Mafra, onde parece não terem grande importância. Como vê, é uma verdadeira lição, um prolongamento que vai atravessando o país de sul ao norte. Em seguida, subindo sempre, na direcção do norte, encontra-se, na zona compreendida entre Montejunto e Rio Maior, muito carvão, dum tipo mais inferior. Temos a seguir os afloramentos da Batália e Leiria, e as minas de Buarcos, perto da Figueira, minas antiquíssimas que vem sendo exploradas desde o tempo de Marquês de Pombal. De Buarcos para a Aveiro, onde existe com grande

abundância e depois as minas de S. Pedro da Cova, que se encontram em plena laboração.

— E' fabuloso — iam dizendo, quando o nosso interlocutor nos interrompeu de novo.

— Espere, espere, amigo. Esquecia-me de mencionar a provincia Trás-os-Montes, onde existem muitas manifestações carboníferas.

— Admirável — dissémos — o que o sr. Gonçalves nos conta vamos repeti-lo no nosso jornal. Deve ser uma verdadeira revelação para o governo. Não haverá mais pesadelos finaceiros, nem tão pouco propostas de finanças. Vamos ver se agora os nossos parlamentares e ministros, que estão no poleiro em nome do povo e para servir o povo, combinam a maneira mais rápida de salvar o país, sim, porque essas minas, laborando, produziriam riqueza que inutilizaria o nosso deficit.

— Não tenha ilusões, amigo — respondeu-nos Artur Gonçalves há muito tempo que o Estado reconhece a existência dessas minas... — E...

### O Estado não faz nem deixa fazer os outros. «Isto» é um país perdido

— E' porque é que o Estado não ataca ainda o problema?

Artur Gonçalves perdeu o seu sorriso pessimista, pensámos por momentos que nos ia dizer que isto é um país perdido; que o carvão nos custa os olhos da cara. Esperámos resposta; não no-la tornou; ficou-se mudo e enigmático. Não insistimos.

— A quem pertencem esses terrenos onde as manifestações hulfíferas aparecem — inquirimos.

— Ao que descobriu essas minas.

— E porque razão os seus descobridores não as exploram?

— Porque geralmente não possuem capital.

— E o Estado que pode fazer nesse caso?

— Requirir os terrenos, torná-los captivos do Estado, enfim é o que manda lei.

— E que sabe o sr. Gonçalves acerca das minas de Santa Suzana? — perguntámos.

— Sei que uma empresa conseguiu obter concessão para explorar aquela região, mas o Estado anulou-a. Agora os direitos pertencem aos ferroviários do Sul e Sueste, mas como o governo não lhes fornece o crédito necessário para iniciar a exploração é o mesmo que não tivesse direitos sobre essa região. A população daquela área, onde existem muitos trabalhadores que já foram mineiros, está esperando de que brevemente as minas começaram a laborar.

— Podem esperar, coitados! — disse-nos tristemente. — Aquelles ainda não se convencem de que isto é um país perdido...

— Mas o Estado devia conceder facilidades para que alguém explorasse aquelas riquezas — continuou o sr. Artur Gonçalves. — Porém, sucede exactamente o contrário. E quer você um exemplo? Em Alcaide do Sal exigem-se cerca de 15000, por cada registro de descobrimento. Chega-se a Lisboa, à repartição de minas, e dizem-nos que esses registros não tem valor.

— E' triste, é triste — murmurou o entrevistado.

Despedimo-nos desalentados, levando cada um ideias mais negras acerca de tudo isto.

### A baixa de salários

Uma nota da Federação Mobilítria aos sindicatos da indústria

A comissão administrativa da Federação da Indústria do Mobilítria, enviava-nos a seguinte nota officiosa, sobre a pretensão, por parte dos industriais, duma baixa de salários, a pretexto da falada diminuição do custo da vida, que afinal se não observa:

Com a actualização da baixa do custo da vida, vem o industrialismo, e nomeadamente o da industria do mobilítria, procurando dar satisfação aos seus designios, pretendendo com o mesmo pretexto provocar uma baixa de salários, para o que se escudam no batimento ainda não consumado.

Assim, na impossibilidade do conselho federal se occupar profundamente deste assunto, elaborando nesse sentido um parecer, pelo qual os sindicatos da industria se orientassem, por virtude de ainda não ter reatado, vem esta comissão administrativa exportar todos os sindicatos da industria, e, desde já, promoverem sessões onde este assunto deva ser ponderadamente apreendido, tomando os mesmos organismos de já, a defensiva no caso de manobras industriais, pois os salários continuam muito baixos, em relação ao custo da vida, a despeito de alguns generos — embora poucos — terem baixado o preço.

Deste modo, daverão os mesmos sindicatos, cumpridas estas instruções, comunicar a esta Federação tudo o que em relação a este assunto se passar.

### Conferências

Centro Comunista de Viana do Castelo

Na sede deste Centro realiza-se no próximo domingo mais uma conferência, pelas 10 horas, sob o tema — Os trabalhadores manuais perante os intelectuais.

Será conferência o camarada António da Costa Carvalho, do Porto.

## A PROEZA

O famoso Alfredo da Silva glorificado depois de ter puxado duma pistola para os que iam prendê-lo

A mais recente façanha de Alfredo da Silva, esse da União Fabril, é sobejamente conhecida. O homem violou ou consentiu na violação dos selos apostos pela autoridade nas avariadas existências de azeite assambarcado em Alferrede. Violados os selos, o azeite escapuliu-se à alçada da lei e foi para parte ignota render lucros que Alfredo da Silva já terá arrecadado. Tratava-se dum delicto grave, e por isso contra Alfredo da Silva foi dada ordem de captura. Uns tantos fiscaes das subsistências, ou lá o que são, procuraram o delinquent, e tendo-o encontrado, deram-lhe voz de prisão. Alfredo da Silva, o homem que tem que perder, que lucra com a vigente organização social, defensora extrema da propriedade privada, não se entregou, antes, rapando duma pistola, pôs em debandada os que pretendiam capturá-lo. Atente-se na gravidade do delicto: violação de selos, subtração de generos apreendidos, resistência à autoridade, ameaça com arma de fogo, etc, etc. Supõe-se há que Alfredo da Silva, ressarcido já os agentes da autoridade do susto que apañaram, estará a esta hora num calabouço, de permo com trabalhadores sem culpa, para punição de suas proezas. Pois enganam-se os que assim pensam. Alfredo da Silva disfruta a máxima liberdade. Mais ainda: teve anteontem uma glorificação pomposa...

Foi no Centro Tomás Cabreira. A questão dos delictos de Alfredo da Silva foi lá examinada. Resultou do exame que Alfredo da Silva era a melhor pessoa deste mundo — e o que ele fizera estava muito bem feito. O sr. Liberato Pinto, presidente do ministério, assistia à sessão e disse:

— Oh que grande pouca vergonha, essa de mandarem prender o Alfredo da Silva! O sr. Peres Trancoso não tem poderes de mandar prender ninguém, que isso são atribuições da justiça. De mais a mais o Alfredo da Silva é um mártir, pobre dele, e o governo, os poderes constituídos, tem obrigação de defendê-lo contra os elementos de desordem. E depois — gritou o sr. Liberato — existem em Portugal varios individuos que se governam com esta questão do azeite. ¿Porque razão só o Alfredo da Silva foi perseguido?

Os aplausos reboaram nesta altura, vibrantes, ruidosos, capazes de ensurdecer um marco postal. Restava justificar o caso da pistola. E o sr. Liberato clamou:

— Esse caso da pistola não sei se é verdade se é mentira. Se calhar não é nada do que contam. O Alfredo da Silva é cara unha e se fizesse uma coisa dessas não era com má intenção. E daí, eu cá juro pela minha saúde: agora sou presidente de ministério; mas se fosse fiscal das subsistências, até pinta a minha cara de preto se viesse dizer uma coisa assim...

E Alfredo da Silva, acobertado pela descarada protecção do governo, glorificado, olímpico, soberbo, continuava fazendo o que lhe aprouver, o que é aliás justissimo porque é, um elemento de ordem (violação de selos, subtração de azeite, resistência à autoridade de pistola em punho) é, no fim de contas, um grande sustentáculo do regime, e da situação de todos os regimes e de todas as situações alicerçadas na crápula e na venalidade a mais desbragada.

### Universidade Popular

Inaugura-se no Barreiro a 3.ª secção desta instituição educativa

No passado domingo, dia 20, pelas 14 horas, realizou-se no Teatro Republicano, do Barreiro, gentilmente cedido para esse fim, a festa inaugural da 3.ª secção da Universidade Popular Portuguesa.

Em nome da nova secção falou o sr. António José da Silva, que expoz os intuitos de que se acham animados os componentes da U. P. P. em prol da educação na vila do Barreiro.

Seguiu-se uma conferência pelo dr. sr. Reis Santos, sob o tema: *O estado actual da sociedade portuguesa; educação; o papel das Universidades Populares no resurgimento nacional*.

E' composta a 3.ª secção pelos srs. António José da Silva, Alberto Tomé Vieira e Augusto Penedo. Depois da conferência, houve um interessante sarau, que esteve muito animado.

Em principio tem a 3.ª secção da U. P. P. em vista montar naquela vila uma biblioteca popular móvel e promover uma série de conferencias sobre assuntos educativos.

### Conferência de Londres

Os conservadores encontram-se contentes

BERLIM, 23. — A imprensa conservadora inglesa exprime-se com confiança no resultado da conferencia de Londres, mas a imprensa liberal é pessimista.

Se os franceses não puderem conseguir condições pelo menos tam favoráveis como as do acôrdo de Paris, a politica francesa e inglesa separar-se-hão cada vez mais, já se accentuam divergências na questão do Oriente.

Poincaré declara francamente que o exercito francês obrigará a Alemanha a pagar se esta o não fizer voluntariamente. — *Rádio*.

## TENDENCIAS QUE SE CHOGAM

### Na C. G. T. francesa discute-se a questão das relações internacionais

Presidida por Vandeputte, o comité confederal celebrou no dia 8 de Fevereiro duas sessões. Desde o início intentaram os minoritários uma espécie de obstrução, Jouhaux protesta, e a maioria dos delegados segue-o para decidir que se entre imediatamente no fundo do debate que domina todas as preocupações: a organização internacional.

O secretário confederal usa da palavra e faz um exame objectivo dos factos ocorridos nos últimos três meses: Congresso de Londres, carta de Moscú, resposta da Internacional, réplica de Zinoviev.

— Não quero discutir — exclama Jouhaux — os erros contidos na carta de Zinoviev, a extranha e voluntária confusão em que está inspirada, a mistura da Internacional Sindical com a II Internacional Socialista.

— Com más intenções aponta-se Albert Thomas como secretário da Internacional Sindical e amplifica-se o erro e a mentira com o fim de criar o desentendimento entre os trabalhadores, com cuja ajuda se espera triunfar.

— Parece tratar-se de uma tática revolucionária que eu desprezo, como desprezo o que a utilizam. Não se trata de certas individualidades mas das nossas organizações, e, em defesa destas, o comité deve dar uma resposta adequada.

### Discurso de Dumoulin

Com a eloquência humorística que o caracteriza, o secretário adjunto da Confederação ataca o debate fazendo uma breve análise da obra realizada desde o último comité confederal, e acrescenta:

— A nossa acção está debilitada, não devemos occultá-lo, e a assembleia deve indicar se a actividade dos núcleos comunistas dentro dos Sindicatos origina a paralisia e a desorganização. O objectivo desta reunião não é segredo. Trata-se de saber se os sindicatos e as organizações podem dar a sua adesão moral e material a uma Internacional nova que tem como fim principal destruir a organização internacional a que pertencemos. Os russos nem sempre falam a linguagem de Zinoviev. Quando tratam com governos como o de Lloyd George, ou com capitalistas americanos como Vandervler a sua linguagem é polida e cortês. Mas já não é assim quando discutem ideias com os sindicalistas franceses. Creio que a Revolução num país não dá direito à injúria universal contra os trabalhadores de todos os países.

Nunca pensámos em provocar a scisão; mas estamos entre dois extremos, entre duas perspectivas: a ditadura militar à direita, ou a ditadura sobrepondo-se ao proletariado e dominando os trabalhadores à esquerda. Nem com um nem com outros. ¿Fazer em França a Revolução em proveito dos que se dispõem a ser ditadores? Não. É benefício de pequenos burgueses e de gente que não sabe nada o que é produzir. Não. Se tal doutrina triunfasse seriam os mesmos de hoje que teriam de baixar à mina, descarregar os barcos e desempenhar os trabalhos mais árduos. A Revolução não teria conseguido nada com isso e o sindicalismo teria que persegui-la. O sindicalismo — diz Dumoulin — terminar — tem um programa comum a todos os trabalhadores e devem intentar a sua aplicação.

Autourville (da Alimentação) é partidário da independência do movimento operário e contrário à colaboração da C. G. T. no Bureau Internacional do Trabalho. Gauzy (departamento de Gard) pede que o sindicalismo regressasse à sua acção de antes da guerra e afirmasse partidário da união.

Montmayer (departamento do Isère) protesta contra as exclusões pronunciadas pela Federação de agricultores e pede a reintegração dos sindicatos excluídos, respeitando assim a autonomia sindical. Mayoux (Boças do Rodano) pede a Jouhaux e a Dumoulin que façam a scisão, já que não recebem ordens de Moscú. O governo russo faz bem entendendo-se com os capitalistas estrangeiros, visto não haver no mundo outra república soviética. Os núcleos comunistas nascem espontaneamente. Se sois suficientemente fortes ataca-os; caso contrário, eles expulsar-vos-ão.

Vielle (Tunés) declara que o mesmo que sucedeu na Internacional Socialista deve suceder na Internacional Sindical. Quinton (Calvados) pronuncia-se pela adesão ao Sôviet Internacional Sindical de Moscú, mas é contrário à submissão do movimento operário ao movimento politico.

A discussão do dia 8 termina com os depoimentos de vários delegados maioritários sendo apresentada uma proposta convocando um Congresso extraordinário no prazo de três meses, cujas decisões serão applicadas a todos.

### Contra Zinoviev

A sessão da manhã do dia 9, presidida por Galantus (Jura), abre com breves palavras de Dumoulin, que pede aos minoritários para condensarem num documento as suas criticas.

Boutet lê duas moções minoritárias: uma pedindo a adesão a Moscú, a C. G. T. outra condenando as medidas de exclusão tomadas contra alguns sindicatos minoritários.

O debate recomeça. Os minoritários pretendem que a adesão a Moscú deixa intacta a autonomia sindical.

Merrheim protesta contra esta tese confusionista e cita varios documentos de Lénine e de Zinoviev e os próprios estatutos e condições da III Internacional que «provam» — comenta — que se pretende subordinar o sindicalismo ao Partido Comunista.

Dumoulin insiste em que o Sôviet sindical de Moscú é uma secção da Internacional Comunista.

Na sessão da tarde Jouhaux pede que o comité nacional dê uma resposta às «injúrias» de Zinoviev, e Marchand apresenta a moção seguinte:

«O C. G. T., examinando a situação nacional e internacional, condena os métodos injuriosos de polémica empregados pelos chamados *leaders* comunistas para com os organismos e militantes sindicais que não aceitam com benevolência os métodos de centralismo ditatorial e inquisitorial apregoados por Zinoviev e outros.

Decide denunciar as razões e métodos que tendem a desagregar o federalismo sindical, preparando por meio duma sã castração do individuo, a implantação da ditadura de tribunos e plumerfos».

Reafirmamos sobre esta moção 88 votos aprovativos, e 21 de rejeição. Houve 13 abstenções e estavam ausentes 14 membros.

(Conclui).

### As contradições do "Jornal"

Tem produzido realmente sensação as informações que *O Jornal* vem há tempos publicando sobre os «manejos terroristas» — horrivelmente terroristas — levados a cabo, segundo os seus informes, pelos ex-ferroviários do Sul e Sueste. A sensação produzida é, todavia, muito diferente daquela que se julgava, porquanto o que o jornal das empresas tem posto a nu é sensacional apenas pela desfazet com que frequentemente mete os pés pelas mãos, dando aos seus leitores, que se incomodam a ler as téntricas revelações, um trabalho doido para compreenderem sem habilidade, sequer.

Ontem, continua o interessantíssimo período a série rocambolesca que iniciou a semana passada, salientando a imparcialidade e a correcção com que tem tratado o assunto.

A imparcialidade e a correcção estão de tal modo desenvolvidas na curiosa gazeta que, na exposição que ela tem feito, não há um único «consta», um só «diz-se», o mais inocente «informamos».

As suas informações são todas baseadas em documentos autênticos — pois então! — e não armadas no ar. São *livros pretos, comitês negros*, e tudo tam tragicamente cinzento que nos deixa estarecidos, apavorados. Todavia... Todavia... apesar da bela fronteira de *Journal* foram beber... do fim, apesar de não se terem feito eco do «consta», e apesar de todas as consultas aos negros livros, as informações são tam verdadeiras e as acusações tam categoricas, que foi necessário introduzir-lhe algumas modificações, para que ao *papel* das empresas não fosse applicada por algum leitor mais indisiplinado a alchuna de *Almocefe das Pelas*.

Em primeiro lugar, Miguel Correa não morava tal em casa do agente Florindo, nem foi em sua casa que aquelle nosso amigo foi preso. Além disto, que já não é pouco, o agente Florindo

dário da independência do movimento operário e contrário à colaboração da C. G. T. no Bureau Internacional do Trabalho. Gauzy (departamento de Gard) pede que o sindicalismo regressasse à sua acção de antes da guerra e afirmasse partidário da união.

Montmayer (departamento do Isère) protesta contra as exclusões pronunciadas pela Federação de agricultores e pede a reintegração dos sindicatos excluídos, respeitando assim a autonomia sindical. Mayoux (Boças do Rodano) pede a Jouhaux e a Dumoulin que façam a scisão, já que não recebem ordens de Moscú. O governo russo faz bem entendendo-se com os capitalistas estrangeiros, visto não haver no mundo outra república soviética. Os núcleos comunistas nascem espontaneamente. Se sois suficientemente fortes ataca-os; caso contrário, eles expulsar-vos-ão.

Vielle (Tunés) declara que o mesmo que sucedeu na Internacional Socialista deve suceder na Internacional Sindical. Quinton (Calvados) pronuncia-se pela adesão ao Sôviet Internacional Sindical de Moscú, mas é contrário à submissão do movimento operário ao movimento politico.

A discussão do dia 8 termina com os depoimentos de vários delegados maioritários sendo apresentada uma proposta convocando um Congresso extraordinário no prazo de três meses, cujas decisões serão applicadas a todos.

### Contra Zinoviev

A sessão da manhã do dia 9, presidida por Galantus (Jura), abre com breves palavras de Dumoulin, que



**OFERECE-SE**

-se. R. Sabino de  
Sousa, 64. 2.<sup>o</sup> Esq.  
(Alto do Pinu).

**Criado** ofereço-se para todo serviço, pouca família, de bons informes, 50\$; R. do Olival, 174, s.º, dirt.

**Mulher a dias** ofereço-se efectiva: Beco do Capitão, 8, s.º Largo 28 de Janeiro.

**Marceneiro** oferece-se para casa particular. Quinta Biagi, 9.

**Criado** ofereço-se para servir.

**Litógrafo** transportador com bastante prática. R. S. Cruz, e Castelo, 9, 1.º

**Torneio** de mesa de R. Sabino de Sousa, 64, 2.º Ed. (Alta Pina).

**Costureira** doméstica para casa particular.

**Tanoeiro** Sabe de vasilhame e tratar de vinhos. R. dos Prazeres, 24 (Praça das Flores).

**Empregado** com

tica para escritório.  
 Calçada dos Barbo-  
 sinhos, 115, 1.º.  
**Homem** de 30 anos  
 para qual-  
 quer serviço, R. do  
 Menino Deus, 19, lo-  
 ja.  
**Creada** para casal  
 boas informações, 46  
 dos Mestres, 56, 1.º.  
 D. (Campolide)  
**Ajudante** de mar-  
 ceiro ou  
 electricista com  
 andar, estabeleci-  
 do, R. Alves Correa, 100,  
 4.º.  
**Empregado** para le-  
 jarista, Rua do Duque,  
 51, 2.º.  
**Criadas** para ca-  
 sal que  
 não informem

**Aprender** mar-  
 ceiro oferecendo, R.  
 de S. Plácido, 30,  
 rje. E.  
**Criada** para tal-  
 ler ou serajão  
 R. Barão Sabros  
 do Alto da Pina, 1.  
 rje.  
**Porte**ira para  
 bons serviços, R.  
 Côs, Rua Lucena  
 Cordeiro o, 45, 5.º.  
**Creada** Rua Cor-  
 reiros, 20,  
 5.º.  
**Caixeiro** de com-  
 feiteiro, R.  
 D. Z. R. do Mundo, 10.  
**Homem** sabe ler  
 e escreve  
 desde colação: R.  
 da Faria, 59.

**Criada** Rua Cien-  
23, 1.º, D. de Cardil,

**Mulher** para es-  
trados, 7, 4.º  
do Noronha, 7, 4.º  
Esquerdo.

**Mulher** a dias, R.  
rações, 177, 4.º D.

**Serralheiro** pr  
campeã oficial. Re  
dos Mouros, 12.

**Greada** Rua de  
N.º 1 colat

**Sapateiros** o B  
de criança e home  
trabalho de 1.º. Ra  
Conda Redondo, 38-  
4.º.

**Aprendiz** pre-  
cisa a s e  
com prática de  
cintapor, R. Bados  
colatoiros, 104, 2.º

**Soldador** com  
prática de  
de torneiro, que d  
abonções, pre-  
cisa a s e, Av. de  
mirante Reis, 10, D.

**Sapateiro** Meia  
cos-  
tumeira, precisa-  
a s e, Ribeiro Sanches, 45  
2.º Esq (Famputa).

**Torneiro** em ma-  
quina, precisa-  
a s e, Calçada João de  
la, 10.

**Sapateiro** Ofi-  
cinal, para  
obra de m  
pontada, de rapaz e

**Serra-leira** or-  
de para fi-  
xas, Precisa-  
a s e, Rua dos Pica-  
s, 30.

**Fundidor** Pre-  
cisa a s e  
aprendiz com prática  
de machos, T. do Ca-  
bral, 55 (Bici).

**Carpinteiros**  
na rua dos Corre-  
ios, 119.

**Ajudante** para  
a s e de  
de chapens, Calçada  
do Garcia, 7, 2.º.

**Alfaiate** apre-  
cisa a s e  
prático, R. Infante  
16, 39.

bandeiras. Rua do Comércio, 100, 4. direito.	<b>Sapateiros</b> O Clube de concertos. Pa se bem, R. da Cissão, 141.
<b>Costureiras</b> para roupa branca de senhora com prática. Rua do Comércio, 114, 5.º.	<b>Costureira</b> d para branca. Ru Alegria, 1.º, 1.º.
<b>Criada</b> saiba bem cozinhar e co ordenado 2040, Ave nida da Republica, 89-1.	<b>Pequena</b> para tel ins. Ra dos Anjos, 54, 2.º família, R. Sol no Ba to, 65, 5.º.
<b>Costureira</b> aprendiza de cami 445, R. Cracovia, 18, esq.	<b>Criada</b> para co nha, R. Luciano Cordeiro, 50, 1.º.
<b>Rapaz</b> para voltas em escritório.	

do. R. Augusta, 47,  
5.º eq.

**Rapaz** para arma  
sem de vi  
nhos, sabendo ler. R.  
de Santa Maria, S

**Rapariga** para  
pouca

**:: Anúncios económicos ::**

**Maquinas** Singer  
agulhas, preços sem com  
petência. Executo todos  
os pedidos da  
provincia seja o que  
for. R. do Arco a S

**Chapelaria**  
A SOCIAL onde o  
operários devem ad  
quirir chapéus. Há to  
das as variedades de  
Sede e encasuri: Nun

**Nomeado, 35.** Fernandes da Fonseca, 35, Rua 74 - Ruã do Corpo Santo, 29 - Ruã Arco de Alameda, 56.

**Alfaiati** (faz foto a 2003) virá ficando como o primeiro a ser substituído pelos outros. R. de S. Marçal, 33 r/c E.

**Dentista** Extracção dos pólos a este a este, especificação, colocação de dentes fixos e com placa. Dr. Barros Mota, 25, Rua da Assunção, 25, 3.º.

**Barro** a água e o vidro no obituário porta para a escadaria elétrica. Rua

**Casa** com barraco  
precisa-se  
para pequena oficina  
de carpinteiro. Res-  
posta à R. 5.º, esq.  
Marcal, 166, 3.º, esq.

**Quarto** com sótão  
até 74000  
precisa-se. Cartá a  
este jornal às iniciais  
L. H.

**Cascos** de carros  
novos ven-  
do-se a se-  
parado. Rua Capitão  
Leiteiro 88. (Pogo do  
Bispo)

**Morais Soares, 77,**  
1.º.

**Roupa** lava-se  
engoma-se  
Rua da Era, 19, 2.º.

**Carroça** de mão  
nova  
vende-se. Alfinco do  
Junqueira, terra do

**Predio** pra quem  
compra-se  
carta a M. F. R. Res-  
posta a 5.º, 5.º, freixo

**Quarto** m o bilado  
Largo do

**Quarto** a cavalheiro. Rua do Ouro, 265, 4.º Dt.

**Quarto** espaçosos. Rua Esfêjé.

**Parte de casa** ou quarto num dos melhores sítios. Rua...

Aceitam-se anúncios nas agências: Rua Augusta, 270, 1.º, Rua Aurea, 30 e Rua dos Retrozeiros.

ros, 147.

---

**TINTURARIA**

Preto fixo e tôdas as côres, só na tinturaria Alcantarense, onde se tingo toda a qualidade de vestuário. Rua de Alcantara, 19.